Negócios sustentáveis são alternativa para preservar a Amazônia

Crescem as ações para fomentar atividades nas quais os ganhos dos produtores dependam da manutenção da floresta

FOTOS DE DIVULGAÇÃO/BRUNO KELLY

Artesanato de borracha. Mulheres da Cooperativa Seringô produzem peças como descansos de mesa e biojoias

DANIELLE NOGUEIRA
danielle.nogueira@oglobo.com.br

Os recentes recordes de desmatamento na Amazônia e as críticas à política ambiental para a região reforçaram entre especialistas a tese de que, para manter a floresta em pé, é preciso desenvolver negócios sustentáveis. Atividades que não apenas preservem a biodiversidade, mas também gerem o desenvolvimento econômico-social das comunidades locais e incentivem a preservação. Com esse objetivo, crescem iniciativas para fomentar pequenos empreendimentos que sirvam de contraponto ao avanço de atividades como pecuária e monoculturas de grãos, que podem incentivar o desmatamento.

A Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA) é uma dessas iniciativas. Tem um braço que funciona como uma aceleradora, ou seja, dá aquele empurrãozinho em start-ups, cooperativas ou empresas que ainda estejam engatinhando. Desde que foi implementado, no fim de 2017, 30 candidatos já foram selecionados. Alguns conquistaram até o mercado internacional.

É o caso da cooperativa de seringueiros liderada pelo paraense Francisco Samonek, a Seringô. Com cerca de 1.500 cooperados, a maioria mulheres, a organização vivia da venda de borracha para a indústria automotiva. Por volta de 2014, Samonek passou a incentivar a produção de artesanato. A adesão de cooperados foi crescente: um quilo de borracha passou a render R$ 300 com as peças artesanais. Vendida em seu estado bruto gerava R$ 2.

NECESSIDADE DE PARCERIAS

O passo seguinte foi montar uma fábrica para produzir sandálias e outros calçados de borracha. Samonek teve ajuda da PPA para formação de pessoal, melhoria da governança e captação de recursos. Hoje, a fábrica, erguida em Castanhal (PA), tem capacidade para produzir quatro mil pares mensais, acaba de firmar contrato com uma *trading* para exportar mil pares por mês e busca financiamento para aumentar a linha de produção para 30 mil pares.

— A ideia é remunerar melhor o seringueiro, para que ele mantenha sua identidade de preservação da floresta. Tem que ter renda aqui, para ele não desmatar para produzir — diz.

Segundo o empreendedor, cada seringueiro consegue preservar 300 hectares de floresta, área de que precisa para manter sua produção. A manutenção da mata associada à geração de renda é justamente o que a PPA busca com seu apoio a projetos. O braço de aceleração é financiado pela Usaid, agência ligada ao governo americano, Fundação Vale e Instituto Humanize, entre outros parceiros.

— O governo não vai resolver a questão da Amazônia sozinho. Nem só as ONGs. Por isso, articulamos essa convergência com o setor privado — diz Alexandre Alves, especialista em engajamento do setor privado e parcerias da Usaid, uma das idealizadoras da PPA.

O Centro de Empreendedorismo da Amazônia, organização sem fins lucrativos com sede em Belém, também fomenta pequenos empreendedores. Um de seus programas é o Amazônia Up, voltado para estudantes e recém-formados, estágio anterior à PPA. Enquanto nesta última a maioria dos candidatos já fundou um negócio ou uma start-up, no Amazônia Up, o objetivo é transformar uma ideia em realidade. Desde 2017, quase 60 projetos foram selecionados.

— Nem todos evoluem para um negócio. Um dos principais entraves é a falta de investidores-anjo. Por isso, nosso foco agora será atrair esses investidores — diz Raphael Medeiros, diretor executivo do Centro de Empreendedorismo.

Superar o desafio da logística é um dos objetivos do Projeto Origens, criado pelas ONGs Imaflora e Instituto Socioambiental (ISA). O projeto trabalha com selos de garantia de origem e conecta uma rede de produtores da região amazônica com os centros consumidores no resto do país. Assim, viabiliza pequenos negócios na floresta.

Castanha. Pedro conseguiu se livrar do regatão, que impunha preços baixos

Seringueiros. Samonek (à esq.) durante capacitação sobre manuseio da borracha

É uma das iniciativas financiadas com recursos do Fundo Amazônia. Com a suspensão do fundo em 2019, busca parceiros privados. Desde o início do Origens, em 2016, já foram comercializados R$ 7,5 milhões na plataforma, que reúne 1.800 produtores e 22 empresas parceiras. São desde sites de *e-commerce* como o BemGlô, da atriz Gloria Pires, até grandes grupos varejistas, como o Pão de Açúcar.

— O projeto funciona como um sistema de garantia de origem socioambiental dos pequenos negócios. São eles que aumentam a resiliência dos povos frente ao desmatamento — diz Patricia Gomes, coordenadora do Origens.

Pedro Pereira é um dos extrativistas que integram o Origens. Filho de seringueiros da região do Xingu (PA), ele encontrou na produção de castanha e óleo de copaíba um meio mais rentável que o extrativismo da borracha.

Até aderir ao Origens, vendia a castanha para o chamado regatão, homem que passa pelas comunidades ribeirinhas comprando a produção local, impondo preços em geral muito baixos.

— Antes, a gente dependia do regatão. Ele baixava o preço no meio da safra. Agora, temos contrato de fornecimento com empresas. Isso nos dá segurança — conta Pedro.

Valor do aluguel volta aos níveis de antes da pandemia

Preço médio por metro quadrado em setembro está no patamar de março

MORAR BEM

ANA CAROLINA DINIZ
carol.diniz@extra.inf.br

O valor do metro quadrado do aluguel na cidade do Rio voltou aos mesmos patamares de antes da pandemia, de acordo com um estudo realizado pelo Secovi este mês. O preço médio por m² hoje é de R$ 30,84, o mesmo de março. As imobiliárias têm percebido o crescimento na demanda de inquilinos interessados em trocar de apartamento.

— O número de ofertas também ficou reduzido durante o pior período da pandemia, pois os proprietários seguraram as ofertas por receio da inadimplência. Mas, 65% dos imóveis alugados tiveram algum tipo de negociação nos contratos com desconto médio de 50%. Acabou que este grande cenário de inadimplência não existiu — afirma Leonardo Scheneider, vice-presidente do Secovi.

Ele salienta que este ainda é um momento muito favorável aos inquilinos:

— Ainda há ofertas, e os preços estão semelhantes aos de 2011 e 2012.

Solange Portela de Andrade, diretora da JB Andrade Imóveis, concorda, afirmando que os proprietários estão dispostos a negociar:

— As reduções têm girado em torno de 10% a 15%.

Na plataforma Quinto Andar, houve aumento de 340% no número de contratos fechados entre março e agosto.

— Já superamos o nível que estávamos operando no início do ano, antes da Covid-19 — diz Arthur Malcon, gerente-executivo de estratégia.

DIVULGAÇÃO

Temor em queda. Proprietários voltam a anunciar imóveis que estavam vazios

Ainda segundo dados do site, houve aumento de mais de 271% no número de buscas por imóveis no Rio (mês de agosto em comparação a março).

No isolamento social, a plataforma registrou uma boa procura por imóveis com três ou quatro quartos.

André Moreira, diretor da Martinelli Imóveis, identificou ainda inquilinos que perderam renda e alugaram imóveis mais em conta:

— Registramos alta de 40% na procura, com Barra e Recreio liderando a preferência dos interessados.

Cristiano Barbosa, coordenador de TI, vem sentindo na pele este aquecimento do mercado. Ele busca um apartamento maior na Ilha para locação e está impressionado com a velocidade que os imóveis ficam indisponíveis:

— Visitamos um apartamento no sábado, mandamos a documentação no final de semana, mas outro cliente foi mais rápido e conseguiu alugar. No outro caso, visitamos o imóvel no mesmo dia em que o anúncio entrou no site, mas, quando fomos concretizar, já estava reservado.

Para aproveitar o momento, a administradora Renascença, em parceria com a Credpago, prorrogou o Quinto Feirão da Locação, até o dia 30, no site e nas lojas físicas.

— O inquilino pode conseguir até três meses de aluguel grátis — afirma Edson Parente, da Renascença.

CARTAS E MENSAGENS

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores, O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail bem@oglobo.com.br